

A RELAÇÃO ENTRE GRAMÁTICA E DISCURSO

THE RELATION BETWEEN GRAMMAR AND DISCOURSE

Marcelo SAPARAS
(Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD/PPGL)
msaparas@uol.com

Sumiko Nishitani IKEDA
(Pontifícia Universidade Católica – PUCSP)
sumiko@uol.com.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é a investigação da relação entre gramática e discurso por meio do exame do papel que as estruturas morfossintáticas exercem na comunicação. A análise do discurso crítica pode ser feita a partir da microestrutura do texto, examinando as escolhas lexicogramaticais ali feitas, como se o texto fosse uma lousa na qual as condições ideológicas se insinuam na macroestrutura do discurso. A pesquisa tem o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional, que dispõe de métodos e instrumentos que permitem revelar essas condições. A pesquisa mostra que construções morfossintáticas como a passivização, a nominalização ou itens lexicais com conotações sugestivas no contexto apropriado apoiam os entendimentos e as consequências ideológicas

PALAVRAS-CHAVE: Texto; Discurso; Gramática; Funções comunicativas; Linguística Sistêmico-Funcional.

ABSTRACT: *The aim of this paper is to investigate the relationship between grammar and discourse by examining the role that morphosyntactic structures play in communication. Critical discourse analysis can be made from text microstructure by examining the lexicogrammatical choices made, as if texts were a slate in which ideological conditions are embedded in discourse macrostructure. The research is based on Systemic Functional Linguistics, which has methods and instruments that reveal these conditions. The investigation shows that morphosyntactic constructs such as passivization, nominalization, or lexical items with suggestive connotations in appropriate context support understandings and ideological consequences.*

KEYWORDS: *Text; Discourse; Grammar; Communicative functions; Systemic Functional Linguistics.*

0. Introdução

O exame da língua limitado a estruturas e códigos, sistema e produto, como se os usuários não pudessem manipulá-la para controlar seu meio ambiente e suas relações, desconsidera suas dimensões sociocognitivas, ideológicas e políticas. Os significados não são entidades congeladas, mas são gerados e regerados, imersos que estão em processos e estruturas que os constituem, ao mesmo tempo em que os constituem (Kitis; Milapides, 1997).

Kitis e Milapides (1997), em seu artigo sobre a análise do discurso crítica, mostram que esse exame não precisa adotar, como ponto de partida, as referidas dimensões envolvidas em um texto; ao contrário, pode-se também partir do próprio texto, examinando sua estrutura geral como se fosse uma lousa na qual as condições ideológicas se inscrevem em vários níveis. Desse modo, os autores sugerem que, por meio de uma análise sistêmico-funcional (Halliday, 1994; Halliday; Matthiessen, 2004), empregando todos os métodos e instrumentos que a abordagem oferece, podem-se revelar essas condições, ou seja, "a recuperação dos sentidos expressos no discurso por meio da análise das estruturas linguísticas à luz dos contextos interacionais e sociais mais amplos" (Fowler et al., 1979: 195-196).

Nesse contexto, Fowler (1991), ao mesmo tempo em que afirma que o jornal constitui um construto que deve ser entendido em termos sociais e semióticos, aponta o fato de que, embora todos reconheçam a importância da língua nesse processo de construção, o seu tratamento é relativamente pequeno. O ponto teórico principal na análise de Fowler é de que *qualquer* aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica. Há sempre modos diferentes de dizer a mesma coisa, e esses modos não são alternativas acidentais. Diferenças em expressão trazem distinções ideológicas e, assim, diferenças de representação. Assim, continua o autor, na medida em que há, sempre, valores implicados no uso da língua, deve ser justificável praticar um tipo de linguística direcionada para a compreensão desses valores. Esse é o ramo que se tornou conhecido como *Linguística Crítica*.

O objetivo deste artigo, diante do fato de que a referida carência perdura ainda nos dias de hoje, é a investigação da relação entre gramática e discurso, por meio do exame do papel que as estruturas morfossintáticas exercem na comunicação. A análise tem o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), uma proposta teórico-metodológica de Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004), "um modelo multiperspectivo, designado a dar aos analistas lentes complementares para a interpretação da língua em uso" (Martin; White, 2005: 7).

1 Fundamentação Teórica

A seguir, apresentamos as teorias que servem de apoio às nossas análises: (a) Linguística Sistêmico-Funcional e as metafunções, em que incluímos, entre parênteses, os itens neles envolvidos: ideacional (nominalização), interpessoal (ausência da consciência da audiência) e textual (tema e rema); (b) Linguística Crítica.

1.1 Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é descrita como sendo "uma abordagem semântico-funcional da língua" (Eggins, 2004: 20), uma teoria que procura entender como as pessoas usam a língua em diferentes contextos sociais, para fazer sentido do mundo e de cada um (Halliday, 1994). Com seu foco na seleção, na categorização e na ordenação do significado, a LSF é especialmente útil para uma análise sistemática, com enfoque nos traços linguísticos no micronível dos textos, para fornecer intravistas críticas na organização dos significados no discurso.

Para a LSF, a língua tem a função de construir três significados concorrentes – ou metafunções: *ideacional*, *interpessoal* e *textual* (Halliday, 2004 [1994], 2005; Martin, 2000). Essas metafunções referem-se, respectivamente, à incorporação de tipos de experiência, percepção e consciência na língua; à expressão das interações; e à estruturação e à apresentação da informação.

A coocorrência das três metafunções é possível, porque a língua possui um nível intermediário de codificação: a *lexicogramática*. Assim, as três metafunções entram no texto por meio das orações, mediante escolhas feitas no sistema linguístico. Daí porque Halliday (1994) dizer que a descrição gramatical é essencial à análise do discurso. O Quadro 1 apresenta um exemplo dessa simultaneidade, resultante de escolhas lexicogramaticais específicas.

(A) O Texto do Citi	(B) Alternativa criada para comparação
<i>Como cliente do Internacional Personal Banking, você será atendido por profissionais experientes, no seu idioma e de acordo com as práticas financeiras de seu país.</i>	O Citi proporciona, ao cliente do Internacional Personal Banking, atendimento por profissionais experientes que o auxiliarão no seu idioma e de acordo com as práticas financeiras de seu país.

QUADRO 1 – Simultaneidade das três metafunções

O Quadro 1 mostra um exemplo da ação simultânea das três metafunções, ao relacionar escolhas gramaticais à intenção de seu autor

no nível do discurso. O texto (A) consta de um *folder* do Citibank e o texto (B) foi construído para lhe servir de comparação. No texto (A), a fim de colocar o leitor em evidência, procedeu-se de três formas concomitantes: (i) escolheu-se o termo “você” por força da metafunção ideacional, que constrói um quadro mental da realidade (no qual havia outras possibilidades de escolha como: “senhor”, “cliente”, “leitor” etc.); (ii) ao mesmo tempo, pela metafunção interpessoal, justifica-se a escolha de “você”, um pronome de tratamento que aproxima o Citibank do cliente em potencial; e (iii) “você” é alçado à posição de sujeito gramatical e tema (sujeito psicológico), que orienta a interpretação do leitor (Figueredo, 2006), lançando-se mão da voz passiva, no âmbito da metafunção textual. Com isso, o texto (A) mostra-se mais receptivo ao leitor do que o texto (B).

Notemos que, em termos semânticos, (A) e (B) têm o mesmo significado; já em termos pragmáticos – que inclui a relação da empresa bancária com leitor – a mensagem assume um tom convidativo e próximo, graças aos recursos que a gramática oferece.

Passamos a examinar cada uma das metafunções.

1.1.1 Metafunção ideacional

A metafunção ideacional, diz Halliday (1994), tem a função de representar padrões de experiência. Nossa impressão mais poderosa da experiência é de que ela consiste de eventos – *acontecer, fazer, sentir, significar, ser e tornar-se*, todos eles distinguidos na gramática da oração.

A oração é também um modo de reflexão, de ordenação da variação

Processos	Participantes	Circunstância
Material	<u>A lei</u> trouxe <u>a paz</u> <u>para o povo</u> . Ator Meta Beneficiário <u>O deputado</u> caminhou <u>pela Esplanada</u> . Ator Extensão	naquele ano.
Comportamental	<u>O menino</u> tremeu <u>de medo</u> . Comportante Comportamento	<u>no escuro</u> .
Mental	<u>Ele</u> pensava <u>no destino de seu povo</u> . Experienciador Fenômeno	
Existencial	<u>A pobreza</u> se fazia presente . Existente	no nordeste.
Relacional	Ele era um senador. (a) Atributivo: Portador Atributo O senador era o João. (b) Identificativo: Identificado Identificador	

Verbal	<u>O entrevistado</u>	disse	<u>nos</u>	<u>a verdade.</u>	
	Dizente		Receptor	Verbiagem	

Quadro 2: Transitividade: Processos/Participantes/Circunstâncias

Fonte: Halliday (1994) com exemplos nossos.

infinita do fluxo de eventos, que podem ser descritos pelo sistema gramatical da *transitividade*. Em termos da transitividade, os processos semânticos representados na oração têm potencialmente três componentes: o próprio *processo*, que é expresso pelo grupo verbal da oração; os *participantes* envolvidos no processo, realizados pelos grupos nominais da oração; e as *circunstâncias* associadas com o processo, expressas por grupos adverbiais ou preposicionais. O Quadro 2 apresenta os processos (em negrito) com seus participantes e circunstâncias.

1.1.1.1 Metáfora gramatical ideacional: Nominalização

Para uma dada configuração semântica haverá, segundo Halliday (1994), alguma expressão na lexicogramática que será considerada *congruente* e outros, *não-congruentes* ou *metafóricos*. Não se está dizendo que a realização congruente seja melhor, explica o autor, pois tudo dependerá do contexto de uso. Há dois tipos principais de metáfora gramatical na oração: metáfora ideacional e metáfora interpessoal. Trataremos da *nominalização*, uma metáfora ideacional.

O processo da nominalização, segundo Eggins (1994), transforma itens lexicais que não-substantivos, em substantivos, acarretando consequências para as outras partes da sentença. Examinemos os seguintes exemplos:

- (1) [ENTREGUEI meu ensaio depois do prazo] [porque as_crianças FICARAM doentes.]
(2 orações)
- (2) [A razão da entrega do meu ensaio depois do prazo FOI a doença das crianças.]
(1 oração)

Comparando os exemplos, vemos que o mesmo conteúdo, o mesmo conjunto de ações e eventos do mundo real, são realizados por duas formas linguísticas muito diferentes e pertinentes a diferentes contextos. O exemplo (1) apresenta uma sentença composta de duas orações:

- (i) ENTREGUEI meu ensaio depois do prazo
(ii) porque as crianças FICARAM doentes

No exemplo (2), no entanto, vemos que a mensagem foi de alguma maneira condensada para ser expressa em apenas uma sentença. Essa situação foi conseguida com a transformação dos processos (a) "entregar" e (b) "ficar doente" em nomes abstratos, "entrega" e "doença", respectivamente.

Embora uma linguagem densamente nominalizada possa parecer pretenciosa e obscurecer o sentido, a motivação real por essa escolha gramatical é funcional, diz Eggins (1994). Ao escolhermos a nominalização em oposição a não-nominalização, conseguimos um texto mais conciso e mais adequado a certos registros.

Vejamos um exemplo a seguir, comparando a redação de uma aluna do Curso de Letras (texto C) e sua reformulação (texto D), tendo em vista a nominalização.

A FAMÍLIA (Texto C)

Ter uma família é essencial para qualquer pessoa no mundo. Pois podemos compartilhar as alegrias e tristezas com ela. Mas a família não tem só aspectos positivos. A parte mais difícil na família é o relacionamento, mas na verdade, qualquer tipo de relacionamento é difícil, seja em família ou entre amigos.

Na minha família, por exemplo, eu e minha irmã somos consideradas inferiores às minhas duas outras primas, que são filhas do irmão mais velho do meu pai. Então, tudo o que é feito por elas é melhor, pode ser até a mesma coisa que eu e minha irmã fazemos, mas elas sempre são as melhores. Esse tratamento vem acontecendo desde quando éramos crianças.

Agora, por parte da família da minha mãe, é tranquilo. É claro que existem "competições" entre primos, mas isso é resolvido entre as pessoas envolvidas sem a interferência dos que estão de fora.

Mas apesar desses problemas de preferência, a família do meu pai é mais unida do que a da minha mãe. Sempre que tem algum problema os irmãos do meu pai se unem e resolvem problema. Já a família da minha mãe, um acaba empurrando outro.

Enfim, nada no mundo possui só o lado positivo, assim como a família.

Notemos que o texto (C) apresenta o total de 31 verbos, assim distribuídos: ser (18) - ter (3) - poder (2) - fazer (2) - compartilhar (1) - considerar (1) - vir (1) - acontecer (1) - existir (1) - resolver (1) - estar (1) - unir (1) - resolver (1) - acabar (1) - empurrar (1) - possuir (1).

O texto (C), segundo questionamento feito em classe, mistura as modalidades oral e escrita, resultando em uma escrita "oralizada", que pode prejudicar o texto formal, como o exigido na redação acadêmica.

Comparemos o texto (C) com o texto (D), a seguir:

A FAMÍLIA (Texto D)

A família constitui um importante lugar de compartilhamento de alegrias e tristezas, apesar das dificuldades que esse relacionamento pode significar. O problema em casa sempre foi a nítida preferência de meu pai por nossas primas, filhas de seu irmão mais velho. Esta inclinação tendenciosa não acontece com a minha mãe, mesmo em situações competitivas, já que ela deixa a resolução do conflito para os próprios participantes.

Porém uma característica marca diferentemente as duas famílias: na de meu pai há maior união entre seus membros, fato que se verifica por exemplo, no esforço conjunto no tratamento de seus problemas, enquanto que na de minha mãe as pessoas procuram atribuir a responsabilidade ao outro.

Já o texto (D) é mais conciso porque reduz o número de verbos para apenas 11 verbos: constituir (1) - poder (1) - significar (1) - ser (1) - acontecer (1) - deixar (1) - marcar (1) - haver (1) - verificar (1) - procurar (1) - atribuir (1).

Evidentemente, tanto em (C) quanto em (D), as escolhas lexicogramaticais do texto concorrem para a realização no discurso da adequação às exigências dos contextos de uso. Uma estorinha infantil tenderia a ser escrita com base nas escolhas feitas no texto (C), enquanto que, em artigo de jornal ou tese de pós-graduação, haverá certamente a preferência pelo texto (D).

A seguir apresentamos as características da nominalização: (i) possibilidades; (ii) funções e (iii) condensação de orações.

(i) Possibilidades da nominalização

A nominalização permite acrescentar ao substantivo resultante atributos, em forma de adjuntos adnominais, de complementos nominais ou de oração adjetiva, que expandem o grupo nominal e aumentam a densidade lexical (Halliday, 1994), como mostra o Quadro 3.

Possibilidades	Potencial do Grupo Nominal
CONTAR	<i>as denúncias</i>
NUMERAR	<i>três denúncias</i>

ESPECIFICAR	<i>três denúncias político-partidárias</i>
DESCREVER	<i>denúncia passional</i>
QUALIFICAR (epítetos/or.restritiva)	<i>improcedência da alegação de inépcia</i>

Quadro 3 – Potencial do Grupo Nominal

Fonte: Halliday (1994)

A presença de adjuntos adnominais, tornada possível pela nominalização, traz a vantagem, segundo a teoria, de fazer o leitor aceitar mais rapidamente o atributo, na medida em que esses adjuntos se referem a qualidades inerentes ao nome.

(ii) Funções da nominalização

A nominalização tem os seguintes efeitos no discurso, podendo contribuir para implicar as intenções do escritor. Nesse sentido, suas funções podem ser as seguintes (Randaccio, 2015):

- (a) proporciona *abstração teórica* e, assim, o distanciamento do escritor em relação ao leitor; com isso, o escritor é posicionado como especialista do assunto para, assim, tomar as rédeas na argumentação corrente;
- (b) torna o texto complexo (condensando orações, por exemplo) fato que coloca o autor em posição de *expert*, relegando o leitor à posição de leigo;
- (c) *escamoteia os participantes* do processo (e as suas características: tempo, modo, número);
- (d) o substantivo resultante pode, agora, ocupar o lugar de *tema* da oração, o sujeito psicológico, *orientando* a interpretação do leitor (Figueredo, 2006);
- (e) como tema, contribui para organizar retoricamente o texto, não em torno de participantes, mas em torno de ideais, razões e causas, dada à natureza do substantivo abstrato resultante da nominalização.

(iii) Condensação de orações

A seguir, apresentamos um exemplo em que a nominalização reduz orações. O texto (E) faz parte de um editorial do jornal *Folha de S.Paulo*. Notemos que em (E) há apenas uma sentença que inclui um objeto direto com cinco nominalizações (em negrito), resultantes de redução de orações.

TEXTO (E)

*A Petrobrás está reivindicando junto à Seplan [um **reajuste no orçamento de investimentos** que permita a **ampliação da produção** de óleo cru para 500 mil barris diários até 1998].*

Para entendermos o texto (E), serão necessárias as seguintes informações subjacentes:

- (a) A Seplan (?) a Petrobrás (?) *reajusta* um orçamento.
- (b) (?) *orça* um investimento.
- (c) (?) *investe* dinheiro.
- (d) A Petrobrás quer ampliar de ? barris para 500 mil barris.

O preenchimento dos (?) depende do conhecimento do assunto para a composição do contexto situacional do trecho selecionado. O texto é conciso, “maduro” em termos sintáticos, posicionando-se mais distante do leitor, como resultado das nominalizações.

Vejamos o texto (F), uma versão menos madura em termos morfossintáticos do mesmo conteúdo semântico.

TEXTO (F)

A Petrobrás, que produz óleo cru, pretende ampliar sua produção. A empresa quer ampliar essa produção para 500 mil barris diários até 1998. Para tanto, ela está reivindicando à Seplan que esta reajuste o seu orçamento de modo que auumente o investimento que tornará realidade *tal* projeto.

(E) e (F) apresentam o mesmo conteúdo semântico, mas preenchem funções diferentes em termos da pragmática comunicacional. O texto (F), com o mesmo conteúdo semântico de (E), está formulado de acordo com as regras da gramática; porém, em termos pragmáticos depende, tal como o texto (E), do contexto cultural e situacional para sua ocorrência.

1.1.2 Metafunção interpessoal

Pesquisas mostram como a falta de consideração referente aos recursos interpessoais, que deveriam marcar a relação entre escritor e leitor, afeta o sucesso da produção de um texto, interferindo

negativamente no processo persuasivo característico de textos dissertativo-argumentativos. Esse fato é denominado de *ausência da consciência da audiência* (Lee, 2008) e, segundo a autora, muitos estudiosos envolvidos na escrita acadêmica enfatizam a importância desse fator (Burgess, 2002; Swales; Feak, 2004; Casanave, 2004; Paltridge, 2004) na escrita bem sucedida.

Essa questão reflete a importância da metafunção interpessoal, considerada hoje como um guarda-chuva para as demais metafunções. Assim, Hyland (2005) e Hyland e Tse (2004) afirmam que todas as metafunções são essencialmente interpessoais já que tanto a metafunção ideacional quanto a textual precisam levar em conta o leitor, seu conhecimento do assunto, suas experiências textuais e sua capacidade de processamento do discurso.

Examinemos o trecho (G) do capítulo introdutório de *Os verdadeiros heróis estão dentro de nós*, livro de autoajuda, de Roberto Shinyashiki (2005), e o texto (H) elaborado para comparação, em que o essencial da informação é mantido.

<p>(Texto G) Shiyashiki (2005):</p> <p>Conduzir seminários de desenvolvimento humano <u>na Índia</u> tem sido sempre uma experiência enriquecedora. Tenho aprendido tanto quanto ensinado às pessoas que deles participam. Certa vez, ao final de um desses seminários, notei a tristeza de uma <u>mulher elegante</u>, com aproximadamente <u>50 anos de idade</u>. Era um <u>tranquilo fim de tarde</u>, e estávamos no <u>jardim</u> em frente ao auditório esperando pelo <u>chá</u> que seria servido. Enquanto os outros participantes conversavam alegremente, eu <u>me dei conta</u> de que durante todo o dia ela se mostrara distante. Parecia sofrer em silêncio.</p>	<p>(Texto H) Texto comparativo:</p> <p>Seminários sobre desenvolvimento humano constituem uma experiência enriquecedora. Aprende-se muito, ao mesmo tempo em que se ensina à audiência que os procura. Em uma dessas ocasiões, a presença de uma mulher de meia idade chamou-me atenção. Enquanto outros participantes conversavam no intervalo da reunião, ela se mantinha distante, parecendo sofrer em silêncio.</p>
---	--

O texto (H) apresenta conteúdo suficiente em termos de informação, ou seja, da metafunção ideacional. Porém, para Shinyashiki, a informação não basta, pois a sua intenção é, além de informar, também persuadir a leitora a adquirir o livro e, daí, o texto (G).

Segundo Latour e Woolgar (1979: 240), "o resultado de uma persuasão retórica é que os participantes devem ser convencidos de que não foram convencidos". Segue-se que a persuasão tende a ser altamente implícita e a evitar a linguagem atitudinal normalmente associada ao significado interpessoal, dependendo em grande parte do sistema de

valores compartilhados. Esse tipo de persuasão, que acontece cumulativamente pelo processo da logogênese (Matthiessen, 1995), ou seja, conforme o texto se desenrola, pode ser extremamente eficaz em certos contextos.

Na perspectiva da logogênese, as expressões sublinhadas "Índia", "mulher elegante", "50 anos", "tranquilo fim de tarde", "jardim", "chá" criam um clima envolvente para iniciar o capítulo. As menções de "Índia" e de "seminário de desenvolvimento humano" trazem à nossa mente um país cheio de espiritualidade, de sábios gurus (especialmente depois dos Beatles), que pregam a paz e a luz esclarecedora; já com "uma mulher elegante" e "50 anos de idade", o texto interage com a provável leitora, em faixa etária em que a mulher enfrenta, por exemplo, o "ninho vazio" e precisa de ajuda; "fim de tarde" em "jardim" e a "espera pelo chá" completam o cenário. O ambiente é de acolhimento e de elegância, propício para o compartilhamento de conhecimentos com importante escritor e palestrante em importantes círculos internacionais.

Tudo isso compõe um processo persuasivo, muito mais apoiado em sedução do que em dados racionais, e que acaba revestindo o livro de uma aura irresistível para quem apela por solidariedade e compreensão na luta diária da vida.

1.1.3 Metafunção textual

Foi Mathesius (1947 apud Slobin, 1980) quem começou a estudar, na língua tcheca, a questão de que o modo como um conteúdo é expresso pode interessar mais do que o próprio conteúdo (informação).

Consideremos as seguintes possibilidades para uma mesma situação real:

- | |
|---|
| (a) João beijou Maria.
(b) Maria foi beijada por João.
(c) Foi João quem beijou Maria.
(d) Foi Maria a que foi beijada por João.
(e) O que João fez foi beijar a Maria.
(f) Aquela que João beijou foi Maria.
(g) A Maria, o (João a beijou). |
|---|

Se a estrutura sintática existisse apenas para expressar o conteúdo proposicional, seria difícil entender a razão da existência dessa variedade de formas. Vejamos outra situação. Dada uma construção como: "O primeiro-ministro desceu do avião", a continuação preferida será (b) e não (a) (embora ambas estejam corretas do ponto de vista gramatical):

- (a) Os jornalistas o cercaram imediatamente.
- (b) Ele foi imediatamente cercado pelos jornalistas.

Nelas, interessa mais o *modo* como o conteúdo é expresso, a *embalagem*), do que o próprio conteúdo (a informação). Estaria em jogo, por exemplo, a avaliação que o falante faz da capacidade de processamento do ouvinte das coisas que lhe são ditas num dado contexto.

A propósito, Mathesius (1882-1945) mostrou que a ordem de palavras na sentença interfere no seu significado¹, no fenômeno que veio a se chamar Perspectiva Funcional da Sentença (FSP). Ele define a noção de *tema* como aquilo sobre a qual se fala na sentença e que, segundo a Linguística Sistemico-Funcional, ocupa o primeiro lugar na oração e *rema* como o que o falante fala sobre o tema. Mathesius fala em: (a) a sequência tema-rema é a ordem não-emotiva, não-marcada; e (b) a sequência rema-transição-tema é a ordem emotiva, marcada.

Para Halliday (1985:38), tema (também chamado de sujeito psicológico) é "o elemento que serve como ponto de partida da mensagem; é aquilo ao qual se refere a oração. O que for escolhido para tema virá em primeiro lugar". O resto é o rema. Uma mensagem consiste em um tema combinado com um rema (estrutura temática).

Segundo Matthiessen (1995), a metafunção textual, constrói os significados ideacionais e interpessoais, para que a informação possa ser compartilhada pelo falante e seu interlocutor, proporcionando os recursos para guiar a permuta dos significados no texto.

1.2 Linguística Crítica

A Linguística Crítica é uma abordagem que foi desenvolvida por um grupo da Universidade de East Anglia na década de 1970 (Fowler et al., 1979; Kress e Hodge, 1979). Eles tentaram casar um método de análise linguística textual com uma teoria social da linguagem em processos políticos e ideológicos, recorrendo à Linguística Sistemico-Funcional.

A análise crítica está interessada, diz Fowler (1991), no questionamento das relações entre signo, significado e o contexto socio-histórico, que governam a estrutura semiótica do discurso, usando um tipo de análise linguística. Ela procura, estudando detalhes da estrutura linguística à luz da situação social e histórica de um texto, trazer para o nível da consciência os padrões de crenças e valores que estão codificados na língua – e que estão subjacentes à notícia, para quem aceita o discurso como "natural" (p.13).

¹ Exemplo do Citybank.

O ponto teórico principal na análise de Fowler é de que todos os aspectos da estrutura morfossintática carregam significação ideológica, sejam eles: seleção lexical, opção sintática, etc. Há sempre modos diferentes de dizer a mesma coisa, e esses modos não são alternativas acidentais, pois diferenças em expressão trazem distinções ideológicas e, assim, diferenças de representação. A língua não é uma janela límpida, mas um meio de refração e de estruturação, e como consequência a visão do mundo resultante será necessariamente parcial.

Para Li (2010), a visão funcional das escolhas linguísticas (Halliday, 1994) como índices de significados cruza com a análise do discurso crítica (ADC): ambas são guiadas pela suposição subjacente de que as formas linguísticas e as escolhas expressam significados ideológicos. Assim, apesar de haver várias abordagens à ADC, o que há de comum entre elas é a compreensão de como as ideologias sócio-políticas-culturais estão entrelaçadas com a língua e o discurso. Ou seja, "a recuperação dos sentidos expressos no discurso por meio da análise das estruturas linguísticas à luz dos contextos interacionais e sociais mais amplos" (Fowler et al., 1979: 195-196).

Conclusão

Este artigo apresentou situações em que as escolhas linguísticas feitas no nível superficial do texto implicam intenções do seu autor no nível do discurso. Tais intenções são posições ideológicas subjacentes, expressas por certas estruturas gramaticais, como a nominalização, a construção passiva ou a inserção de itens lexicais com conotações sugestivas no contexto apropriado. Desse modo pode-se atribuir maior poder aos seus autores por meio de escolhas retóricas específicas.

Para tanto, contou com o apoio o da Linguística Sistêmico-Funcional no que se refere, em especial, à proposta da simultaneidade da realização dos significados – ou metafunções – ideacional, interpessoal e textual, que assim possibilitam à língua implicar a persuasão. Assim é, pois no processo do entendimento do texto, o leitor, ao mesmo tempo em que é informado (metafunção ideacional) é também persuadido, seja por convicção seja por sedução (Kitis e Milapides, 1997) (metafunção interpessoal), graças às escolhas lexicogramaticais e sua disposição no texto, visando à realização das outras duas metafunções (metafunção textual).

Uma interpretação crítica da língua envolve a consideração da conexão entre o significado geral do texto e a intenção perlocucionária de seu autor, que, por sua vez, envolve a ligação do texto e as condições e produção (política, social e ideológica) e mostra como os sistemas e estruturas da gramática apoiam entendimentos e consequências ideológicas.

O apoio da Linguística Sistêmico-Funcional, com sua atenção nos processos de seleção, categorização e ordenação dos significados no nível da oração, oferece uma metodologia poderosa para o exame detido de aspectos estruturais do texto, e permite verificar a relação entre as operações da estrutura gramatical e as motivações, intenções e metas que formatam as escolhas individuais feitas pela língua.

Referências bibliográficas

- BURGESS, S. Packed house and intimate gatherings: Audience and rhetorical structure. In John Flowerdew (ed.). *Academic discourse* London: Longman, 2002.
- CASANAVE, C. P. *Controversies in second language writing: Dilemmas and decisions in research and instruction*. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press. 2004.
- EGGINS, E. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London: Pinter Publisher, 2004 [1994].
- FIGUEREDO, G. The flow of information in Brian Aldiss' supertoys last all summer long and its translation into Brazilian Portuguese. Universidade Federal de Minas Gerais. Proceedings 33rd International Systemic Functional Congress, 2006.
- FOWLER, R. *Language in the news*. New York: Routledge, 1991.
- FOWLER, R.; HODGE, B. (1979). In R. Fowler et al (Eds.). *Critical linguistics Language and Control*. London: Routledge and Keegan Paul: 185-213
- HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. London: E. Arnold, 1985, 1994.
- _____. *On grammar*. London: Bloomsbury Academic, 2005.
- HALLIDAY, M.A.K., MATTHIESSEN, C.M.I.M. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 2004.
- HYLAND, K. *Metadiscourse, exploring interaction in writing*. Oxford: Continuum, 2005.
- HYLAND, K.; TSE, P. Metadiscourse in academic writing: a reappraisal. *Applied Linguistics*, v. 25, p. 156-177, 2004.
- KITIS, Eliza; MICHELIS, Milapides. Read it and believe it: How metaphor constructs ideology in news discourse. A case study. *Journal of Pragmatics* 28 (557-590), 1997.
- KRESS, G.; HODGE, R. *Language as ideology*. Londres: Routledge, 1979.
- LATOUR, B; WOOLGAR, S. *Laboratory Life: The construction of scientific facts*. Princeton: Princeton University Press, 1979.
- LEE, S. H. An integrative framework for the analyses of argumentative/persuasive essays from an interpersonal perspective. *Text & Talk*, 28.2: 239-270, 2008.

SAPARAS, Marcelo; IKEDA, Sumiko Nishitani. A relação entre gramática e discurso. *Revista Intercâmbio*, v. XLIII: 67-81, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

LI, Juan. Transitivity and lexical cohesion: Press representations of a political disaster and its actors. *Journal of Pragmatics*, 42.12: 3444-3458, 2010.

MARTIN, J.R. *English Text: System and structure*. Amsterdam: Benjamins, 1992.

MARTIN, J. R. Beyond Exchange: Appraisal Systems in English. In S. HUNSTON, E.; THOMPSON, G. (Eds.). *Evaluation in text: Authorial Stance and the Construction of Discourse*:142-175. Oxford: OUP, 2000.

MATHESIUS, V. *O tak zvaném aktuálním clenění vetném* [On the so called actual bipartition of the sentence], 1939.

MATTHIESSEN, C.M.I.M. (1995), *Lexicogrammatical cartography: English systems*, Tokyo, International Language Sciences Publishers, 1995. p. vii.

PALTRIDGE, B. The exegesis as a genre: An ethnographic examination. In *Analysing academic writing: Contextualised frameworks*. L. Ravelli; R. Ellis (eds.), 84-103. London: Continuum, 2004.

RANDACCIO, Monica – *Language change in scientific discourse*. Depto di Letterature e Civiltá Anglo-Germaniche Univesity of Trieste, Italy, 2015.

SLOBIN, D.I. *Psicolinguística*. São Paulo: Cia Editora Nacional. 1980.

SWALES, J.; FEAK, C.B. *Academic writing for graduate students: A course for non-native speakers of English*. Ann Arbor, MI: The University of Michigan Press, 2004.